

A INTERVENÇÃO DE ATENA COMO CONDIÇÃO INDISPENSÁVEL PARA O RETORNO DE ODISSEU A ÍTACA

Gilbéria Felipe Alves Diniz¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar de que maneira se manifestam as intervenções da deusa Atena ao longo da *Odisseia*, considerando que sua presença é fundamental para o retorno de Odisseu a Ítaca. A atuação das divindades nas epopeias homéricas revela-se como elemento essencial na construção da narrativa heroica, uma vez que os deuses frequentemente influenciam os acontecimentos terrenos, seja salvando os heróis da morte, orientando-os em momentos decisivos ou insuflando coragem para que persistam em suas jornadas. Essas interferências divinas estão presentes tanto na *Iliada* quanto na *Odisseia*, funcionando como uma constante ligação entre o mundo humano e o divino. Na *Iliada*, os deuses demonstram parcialidade por determinados heróis, assistindo, aconselhando ou até intervindo diretamente nas batalhas. Já na *Odisseia*, tal influência se concentra de maneira mais direta na figura de Atena, que desempenha um papel fundamental como protetora e guia de Odisseu. Como aponta Jaeger (1994), a piedade do herói em relação aos deuses é um traço marcante de sua personalidade, e essa reverência atrai a benevolência da deusa, que se compadece de seu sofrimento e se empenha em ajudá-lo a regressar à sua terra natal. A análise das ações de Atena ao longo do poema épico revela não apenas o protagonismo da divindade na condução da narrativa, mas também os valores centrais da cultura grega, como a *philia*, a *areté* e a importância do favor divino na realização do destino heroico.

PALAVRAS-CHAVE: Atena; Odisseu; intervenção divina.

1 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (Universidade Federal da Paraíba).

Iliada e Odisseia

A *Iliada*, como comenta Pierre Vidal-Naquet (2002, p. 51), “[...] é o poema da guerra. Em caso de necessidade, os próprios deuses intervêm para contrariar os processos de paz”. Na obra supracitada, ocorre uma teomaquia: os deuses estão divididos. De um lado, apoiando os gregos, encontram-se Atena, Hera e Posêidon; do outro, ao lado dos troianos, estão Afrodite, Apolo e o próprio Zeus. O poema não inicia explicando os motivos dessa divisão, embora tudo tenha começado quando Páris escolheu Afrodite como a mais bela das deusas, ao lhe entregar o pomo de ouro. Em troca, ela lhe prometeu a mulher mais bela do mundo, mesmo que já fosse casada. Ao visitar Menelau, Páris se apaixona por Helena, esposa de seu anfitrião, e fere gravemente a norma da hospitalidade ao levá-la consigo para Ílion. Tal violação traz sérias consequências: Menelau convoca seu irmão Agamêmnon, e juntos reúnem guerreiros para resgatar Helena.

Apesar da importância desse evento, Homero não centraliza sua narrativa na duração da guerra de Troia, nem em seu início nem em seu fim. A *Iliada* começa com a ira de Aquiles contra Agamêmnon. Sentindo-se desonrado, Aquiles recusa-se a lutar, enfraquecendo os gregos. Ele só retorna ao combate após a morte de seu amigo Pátroclo por Heitor. Dominado pela vingança, mata Heitor e retém seu corpo, negando o funeral. Após súplica do rei Priamo, pai de Heitor, Aquiles devolve o corpo, permitindo o ritual fúnebre. Em todas essas cenas, os deuses atuam ativamente - seja inspirando honra, protegendo guerreiros ou mesmo cuidando dos mortos.

Diferente dos conflitos bélicos da *Iliada*, Vidal-Naquet (2002, p. 51) destaca que “a *Odisseia* é um poema da paz, ainda que por vezes ocorram lutas”. A epopeia relata as aventuras de Odisseu, herói da guerra de Troia, em sua tentativa de retornar à pátria e à família. Todos os deuses já haviam se compadecido dele, exceto Posêidon, que o persegue implacavelmente. Por isso, Odisseu

perde-se no caminho e permanece, por sete anos, preso na ilha de Calipso, que deseja torná-lo seu marido. Além disso, enfrenta os encantos de Circe e outras provações.

Essas experiências são narradas por ele próprio nos Cantos IX a XII da *Odisseia*, no qual se destacam os sofrimentos do herói. Embora não esteja mais em contexto de guerra, a ajuda divina continua essencial, pois, assim como Atena esteve ao seu lado nos conflitos, também o auxilia em seu retorno. Além das dificuldades no mar, Odisseu enfrenta problemas em sua casa. Penélope, sua esposa, sofre com a presença constante dos pretendentes, que dilapidam os bens da família e a pressionam a escolher um novo marido. Ela e seu filho, Telêmaco, padecem com a arrogância dos invasores. Orientado por Atena, Telêmaco decide partir em busca de notícias do pai. Esta jornada tem início no Canto I, em que se apresentam os preparativos da viagem, sua chegada a Pilos e, posteriormente, à Lacedomônia.

A presença e intervenção dos deuses na *Iliada*

Antes de abordarmos como a intervenção de Atena é fundamental para o retorno de Odisseu à sua terra natal, é importante destacar algumas intervenções divinas presentes na *Iliada*, especialmente aquelas em que Atena já demonstra sua proteção ao herói durante a guerra de Troia. Ao lermos Homero, nada é mais recorrente do que a constante presença dos deuses ao longo da narrativa.

Na *Iliada*, obra que precede a *Odisseia*, encontramos diversos exemplos que evidenciam como os deuses interagem continuamente com os seres humanos. Como observa Jaeger (1994, p. 79), “os deuses estão sempre interessados no jogo das ações humanas. Tomam partido por este ou por aquele, conforme desejam repartir os seus favores ou tirar vantagem”. Um exemplo notável é a preferência de Afrodite por Páris, pois este a escolheu como

vencedora do pomo de ouro. Em troca, ele conquistou Helena - considerada a mulher mais bela do mundo - e passou a contar com a proteção da deusa ao longo de toda a narrativa.

Essa proteção se manifesta em diversas passagens, como na cena em que Afrodite intervém diretamente para livrar Páris da morte iminente. Esse tipo de interferência revela não apenas o envolvimento divino nas batalhas, mas também os vínculos de lealdade, favoritismo e reciprocidade estabelecidos entre deuses e mortais nas epopeias homéricas:

enquanto Páris sufocava por causa da fivela bem bordada debaixo do macio pescoço, justa para que o elmo não caísse. E agora o teria arrastado Menelau com glória indizível, se arguta não tivesse se apercebido Afrodite, filha de Zeus, que partiu a meio a fivela, feita da pele de um boi morto; e o elmo vazio foi levado pela mão firme de Menelau, que o herói atirou para o meio dos Aqueus de belas cnêmides, depois de o fazer girar. [...] Mas Afrodite arrebatou Páris, facilmente, como é próprio de uma deusa, ocultando-o com nevoeiro opaco, e deitou-o no perfumado leito nupcial. (Hom., *Il.*, III, v. 371-382)²

Essa relação/intervenção divina é essencial para que os acontecimentos se desenrolem conforme o destino e a vontade dos deuses. Já no início do Canto I da *Ilíada*, especificamente no verso 5, é afirmado que tudo se cumpre de acordo com a vontade de Zeus. Embora ele seja o pai de todos os imortais, isso não impede que outros deuses também intervenham, expressando suas próprias vontades. Um exemplo disso ocorre quando Apolo, irritado com Agamêmnon por este não devolver a filha de seu sacerdote, ouve a súplica do pai da jovem e se enfurece. Como resposta, o deus (Hom., *Il.*, I, 44-53) desce do Olimpo e começa a lançar suas flechas, atingindo tanto os animais quanto os homens do exército

2 Os trechos da *Ilíada* e da *Odisseia* apresentados neste trabalho são retirados da tradução de Frederico Lourenço.

aqueu. Na sequência, Aquiles convoca uma assembleia — ato que não parte exclusivamente de sua vontade, mas é insuflado por Hera, como observamos nos versos 55-56. A intervenção divina é clara: são os deuses que impulsionam as ações humanas. Outro momento significativo ocorre quando Agamêmnon decide devolver a filha do sacerdote, mas exige, em troca, o prêmio de Aquiles, a jovem Briseida. Diante disso, Aquiles se enche de fúria e pensa em matar Agamêmnon. No entanto, mais uma vez, há uma interferência divina. Palas Atena, a pedido de Hera, desce até ele e o impede, segurando-o pelos cabelos, como forma de controlar sua cólera e evitar um conflito maior entre os gregos.

No momento em que Aquiles olha para trás e reconhece a deusa, reclama da petulância de Agamêmnon, e por isso justifica que ele perderá a vida. Entretanto, a deusa continua sua intervenção:

A ele respondeu a deusa, Atena de olhos esverdeados: “Vim para refrear a tua fúria (no caso de me obedeceres) Do céu, mandou-me a deusa Hera de alvos braços, pois a ambos ela estima e protege no seu coração. Mas desiste agora do conflito e não tires a espada com a mão” (Hom., *Il.*, I, 206-210)

Depois disso, Aquiles contém sua fúria e poupa a vida de Agamêmnon - não por escolha própria, como pode parecer àqueles que não percebem a presença divina, mas porque houve a intervenção direta de uma deusa que o convence a não tomar tal atitude. Como afirma Jaeger (1994, p. 80), “Os deuses intervêm em toda motivação da obra humana”.

A presença de Atena é recorrente na obra de Homero. Nas duas epopeias, a deusa contribui decisivamente para o desenrolar dos acontecimentos. Na *Ilíada*, ela combate ao lado dos gregos na guerra contra os troianos e atua incansavelmente em prol da vitória dos aqueus. Surge em diversos momentos cruciais, seja para sustentar um guerreiro: “Porém ela no peito de Aquiles destilou néctar e a aprazível ambrosia, para que a fome desagradável

não lhe sobreviesse aos membros” (Hom., *Il.*, XIX, v. 352) seja para exaltá-lo e torná-lo ainda mais temível: “E Atena lançou-lhe em torno dos ombros possantes a égide franjada, e em volta da sua cabeça pôs, a divina entre as deusas, uma nuvem dourada” (Hom., *Il.*, XVIII, v. 203).

Poderíamos citar inúmeros exemplos da atuação de Atena encorajando guerreiros, mas nos deteremos em ilustrar sua intervenção junto àquele que mais estima: Odisseu. Este é um herói prudente e inteligente o qual recebe o auxílio e a proteção da deusa em diversas ocasiões. Em uma delas, diante do risco iminente de morte, Atena intervém para impedir que a lança do guerreiro Soco o perfure fatalmente.

Assim falou; e atingiu-o no escudo bem equilibrado. Através do escudo fulgente penetrou a lança potente e através do colete bem trabalhado penetrou: E do flanco lhe rasgou a carne toda, mas Palas Atena não permitiu que a lança chegasse às vísceras de Ulisses (Hom., *Il.*, XI, 425-440)

Não só o salva da morte, como também, a deusa atende a prece do herói para ganhar a corrida do valente Ájax:

Ulisses rezou a Atena de olhos esverdeados no seu coração: “Ouve-me, ó deusa! Vem como auxiliadora dos meus pés!” Assim falou, rezando; e ouvi-o Palas Atena, tornando-lhe os membros mais leves, mais leves os pés e as mãos. Ora quando estava prestes a chegar rapidamente aos prêmios, foi então que Ájax escorregou (pois Atena o prejudicara) (Hom., *Il.*, XXIII, 769-774)

Atena demonstrava atenção constante a Odisseu, desde as situações mais simples até as mais complexas. Essa relação entre ambos era tão evidente que o próprio Ájax, ao justificar a vitória de Odisseu, reconhece o favorecimento divino (Hom., *Il.*, XXIII, 782-83) “Ah, foi a deusa que me prejudicou os pés, ela que sempre está ao lado de Odisseu, como uma mãe a ajudá-lo”. A proximidade entre o herói e Palas Atena é destacada também pelas

palavras do próprio Odisseu (Hom., *Il.*, XV, 278-79): “Ouve-me, filha de Zeus, detentor da égide, tu que sempre estás ao meu lado em todos os trabalhos! Não te passo despercebido”.

Diante disso, cabe questionar: Odisseu seria capaz de realizar suas façanhas sem a intervenção de Palas Atena? À luz dos exemplos citados, a resposta parece clara: não apenas Odisseu, mas todos os heróis dependem do auxílio divino para que seu destino se cumpra. Como afirma Jaeger (1994, p. 80), “Todos tornam o seu deus responsável pelos bens e pelos males que lhes acontecem. Toda intervenção e todo êxito são obra dele”.

É importante lembrar que a sociedade grega estava profundamente ligada ao divino. A tomada de decisões, as experiências vividas, os sentimentos - tudo era atribuído à ação sobrenatural. Como observa Vernant (2006, p. 5), o pensamento mítico não separa o humano do divino, pois tudo está inserido em uma mesma lógica sagrada que regula o mundo e seus acontecimentos. “Em sua presença num cosmos repleto de deuses, o homem grego não separa, como se fossem dois domínios opostos, o natural e o sobrenatural. Estes permanecem intrinsecamente ligados um ao outro” (Vernant, 2006, p. 5).

Intervenção de Atena na *Odisseia*

Segundo o professor André Malta (2018, p. 43), “[...] na *Odisseia* tudo parece se encaminhar para o desfecho feliz, em que o bem vence o mal”. Diferentemente da *Ilíada*, em que as profecias já anunciavam a morte estabelecida pelo destino, na *Odisseia* temos a impressão de que tudo terminará bem. Diante da força e bravura dos guerreiros na *Ilíada*, “[...] a *Odisseia* exalta, sobretudo no seu herói principal, acima da valentia, que passa a lugar secundário, a prudência e a astúcia.” (Jaeger, 1994, p. 27). Soma-se a essas características a sua piedade. No início do Canto I, os deuses se compadecem de Odisseu, e seu retorno é resultado da

devoção aos deuses e dos sacrifícios que realizou, sendo, portanto, considerado merecedor de voltar para casa. Os deuses concordam com seu regresso a Ítaca, exceto Posêidon, que o faz vagar constantemente, afastando-o de sua pátria.

Apesar de quase todos os deuses estarem de acordo com o retorno do herói, quem mais se dedica para que isso aconteça é a deusa Palas Atena. Assim como na *Ilíada*, sua intervenção na narrativa da *Odisseia* será indispensável para o retorno de Odisseu a Ítaca. Como comenta Malta (2018, p. 57-58), “Atena se apresenta, em parte, como algo relativamente súbito, fruto dessa poderosa intervenção divina. Mais uma vez, estamos diante de uma dupla motivação: a participação da deusa é decisiva ”.

Antes de nos concentrarmos no Canto XIII, escolhido para análise neste trabalho, faremos um breve percurso pelas intervenções de Palas Atena ao longo da narrativa. Para evitar um confronto direto com Posêidon, a deusa inicia sua atuação pedindo permissão a Zeus para ajudar Odisseu (Hom., *Od.*, I, v. 80-81): “Pai de todos nós, mais excelso dos soberanos, se agrada aos corações dos deuses bem-aventurados que o sagaz Ulisses regresse a sua casa...”. Ela não se dirige imediatamente ao herói, mas viaja até Ítaca para encorajar o jovem Telêmaco a se posicionar contra os pretendentes e a buscar informações sobre o pai desaparecido. Atena não aparece em forma divina, mas disfarça-se de Mentos (Hom., *Od.*, I, v. 105).

No Canto II, Telêmaco invoca Atena para que o auxilie em sua jornada em busca de Odisseu, e, prontamente, a deusa responde (Hom., *Od.* II, v. 293): “Naus há em abundância em Ítaca, rodeada pelo mar, novas e velhas. Destas escolherei para ti a mais apropriada...”. Nos Cantos I, II, III e IV, as intervenções de Atena estão centradas em Telêmaco, ora aconselhando-o, ora confortando-o e enchendo-o de coragem para falar, como ocorre no Canto III, quando Nestor o interroga sobre o motivo da sua viagem. Atena o fortalece (Hom., *Od.*, III, v. 76): “A ele deu resposta o prudente Telêmaco, já mais corajoso: pois Atena lhe insuflara coragem no coração”.

No Canto V, a deusa intervém novamente, chamando a atenção dos deuses para o sofrimento de Odisseu, prisioneiro na ilha da ninfa Calipso (Hom., *Od.*, V, 13-15): “Pois ele jaz agora numa ilha, em grande sofrimento, no palácio da ninfa Calipso, que à força o retém. E assim ele não pode regressar à sua terra pátria”. Zeus, atendendo ao apelo de sua filha, envia Hermes à gruta da ninfa para lhe ordenar que libertasse o herói. Contrariada, mas temendo a ira de Zeus, Calipso consente (Hom., *Od.*, V, v. 138) “Que Ulisses parta – se é isso que Zeus quer e exige”.

Esse episódio destaca como Odisseu está completamente à mercê dos deuses. Preso numa ilha, sem possibilidade de fuga, ele só retoma sua jornada graças à intervenção da deusa que constantemente vela por ele. Mesmo libertado, Posêidon continua a persegui-lo, impondo-lhe novos sofrimentos. Ao final do Canto V, Atena cuida do herói de maneira singela, fazendo com que ele adormeça e recupere as forças.

No Canto VI, Palas Atena volta a intervir, desta vez agindo no palácio real dos Feácios. Ela aparece no quarto da jovem Nausícaa, filha do rei Alcino, como um sopro (Hom., *Od.*, VI, 20-21) “Como um sopro de vento foi a deusa até a cama da jovem; postou-se junto à cabeceira, e dirigiu-lhe a palavra...”. Atena, astuta, arquiteta toda a situação para beneficiar Odisseu, ainda que Zeus tenha declarado (Hom., *Od.*, V, 31-32) que ele deveria retornar “sem a ajuda de homens mortais ou de deuses”. Para Odisseu, as ações parecem ocorrer naturalmente, como se ele estivesse agindo sozinho. No entanto, tudo é cuidadosamente manipulado pela deusa, inclusive o encontro com Nausícaa foi orquestrado por Atena, e a jovem, diferentemente de suas servas, não foge ao ver o herói, (Hom., *Od.*, VI, 139-140) “pois em seu peito pusera Atena a coragem; dos seus membros tirara o receio”. Apesar da ajuda divina, Odisseu ainda não reconhece o auxílio da deusa nesse momento, demonstrando que, muitas vezes, a intervenção dos deuses se dá de maneira sutil, mas decisiva. Conforme comenta Malta (2018, p. 355),

Vale destacar ainda que ao final do Canto 6, logo após o herói se queixar de uma falta de auxílio da sua protetora (algo que não era verdadeiro), o narrador interveio para dizer que a deusa o escutava, mas que não podia aparecer frente a frente por causa da cólera de Posêidon (v.324-331).

A intervenção da deusa no Canto VII é discreta, primeiro ela derrama um nevoeiro para ajudá-lo (Hom., Od., VII, v. 15-16) “Sobre ele Atena derramara um denso nevoeiro, para assim o ajudar”. Depois, aparece disfarçada de uma garota segurando um cântaro e indica o caminho para o palácio do rei Alcino.

Nesse caso eu te indicarei, ó pai estrangeiro, como pedes, a casa, visto que Alcino é vizinho do meu pai irrepreensível. Mas caminha em silêncio; eu mostrar-te-ei o caminho. Não olhes para nenhum homem nem coloques perguntas. Esta população não é muita amiga de estrangeiros, nem és eu costume dar as boas-vindas a quem chega de longe (Hom., Od., VII, v. 27-33).

Neste Canto, Odisseu relata à rainha todos os sofrimentos vividos desde a saída da ilha da ninfa Calipso e, ao final, o rei garante ajuda ao herói para que ele retorne à sua casa. Não haverá menção aos Cantos VIII e IX, pois a presença da deusa é muito escassa em comparação com os outros capítulos. Entretanto, é importante mencionar que, segundo André Malta (2018, p. 277),

A chamada “Ciclopeia” não é só o episódio mais importante e extenso do Canto 9, ponto de poder lhe servir de título: é também o episódio em que os motivos que constituem o eixo da *Odisseia* – astúcia, hospitalidade, nomeação, reconhecimento, justiça – condensam-se de forma exemplar.

Apesar de omitida a presença direta de Atena, ela é mencionada por Odisseu no verso 316: “Se Atena ouvisse a minha prece”, coincidindo com a visão de um grande tronco de oliveira, elemento totalmente associado à deusa. Mesmo assim, não há, na narração do herói, menção a uma intervenção explícita de Palas Atena.

Nos Cantos X, XI e XII, de forma resumida, há o relato da viagem à ilha da deusa Circe, da ida ao Hades, da região das sereias e de como chegou a Ogígia, a ilha de Calipso. Nesses últimos cantos, Odisseu não menciona Palas Atena; ele ainda não a reconhece como sua protetora, ignorando que a deusa já vinha intervindo discretamente para assegurar seu retorno, auxiliando Telêmaco em suas viagens e também aconselhando a bela Penélope.

Depois desse breve resumo sobre as intervenções de Atena até o Canto XII, passaremos a analisar de forma mais detalhada o Canto XIII, que, em comparação aos cantos anteriores, é um dos mais relevantes. Parafraseando André Malta (2018, p. 14), o Canto XIII apresenta o encontro mais importante do poema entre Odisseu e a deusa Atena, sendo também aquele que explora, de forma mais direta, os movimentos e qualidades astutas de ambos os personagens.

A intervenção de Palas Atena no Canto XIII

O Canto XIII é marcado pelo regresso de Odisseu a Ítaca. Depois que Odisseu narra suas aventuras e os Feácios ficam admirados com tantas histórias, o rei Alcino, no início do Canto XIII, presenteia-o com muito ouro e vestes, e logo se despedem para que o piedoso herói comece sua viagem.

Enquanto Odisseu dorme, ele retorna à sua terra, desagradando a Posêidon, que castiga os Feácios, inclusive sua própria linhagem (Hom., *Od.*, XIII, v. 160-164). Ao despertar em sua terra, Odisseu não a reconhece, pois Palas Atena intervém, inicialmente, derramando uma neblina para ocultá-la antes de instruí-lo (Hom., *Od.*, XIII, v. 191). Inclusive, Odisseu lamenta, achando que foi enganado pelos Feácios e levado a outro lugar (Hom., *Od.*, XIII, v. 200).

Porém, o fato de ele não reconhecer sua terra é apenas mais uma artimanha prodigiosa da deusa da guerra. Neste primeiro momento, Atena não interfere presencialmente; sua atuação é

apenas aludida. Conforme o próprio texto indica, a deusa provoca a neblina para protegê-lo, preparando o terreno para explicar seu plano, garantindo, assim, que o regresso de Odisseu tenha êxito. O simples fato de Odisseu já estar em Ítaca não o torna um victorioso, e Atena sabe que os pretendentes não abandonarão seu palácio facilmente, antes tentarão matá-lo.

Palas Atena intervém, pela segunda vez nesse canto, disfarçada de pastor de ovelhas (Hom., *Od.*, XIII, v. 221). Ao encontrá-la, Odisseu pergunta rapidamente onde está (Hom., *Od.*, XIII, 233): “Que terra é esta? Que povo? Quem habita?”. Atena, ainda disfarçada, revela que o chão que ele pisa é Ítaca. Ao longo do diálogo, a deusa finalmente se revela a ele:

Assim falou; e sorriu Atena, a deusa de olhos esverdeados, acariciando-o com a mão; transformou-se numa mulher alta e bela, conhecedora dos mais gloriosos trabalhos. E falando dirigiu-lhe palavras aladas: “Interesseiro e ladrão seria aquele que te superasse em todos os dolos, mesmo que um deus viesse ao teu encontro! [...]” (Hom., *Od.*, XIII, v. 287-293).

Além de revelar-se a ele, ainda o elogia pela inteligência e astúcia. Depois dos elogios, Atena fala que sempre esteve com o herói em todos os momentos (Hom., *Od.*, XIII, v. 300-301), inclusive que foi graças à estratégia dela que ele foi bem recebido pelos Feácios: “Até por todos os Feácios te fiz bem querido” (Hom., *Od.*, XIII, v. 302), e também foi por vontade dela que ele recebesse todos os presentes do rei Alcino (Hom., *Od.*, XIII, v. 305). Sobre esses versos, o professor André Malta (2018, p. 354-355) faz um comentário relevante:

É importante lembrar que, embora aqui a deusa fale vagamente em ter ajudado na obtenção de presentes e em ter tornado o herói querido a seus anfitriões, a colaboração direta de Atena envolveu não só tirá-lo de dificuldades no mar, no Canto 5 (v. 382-7 e 426-437), mas também, já na Esquéria (Canto 8), em embelezá-lo (v.17-21) e, disfarçada de homem, incentivá-lo na

prova do disco (v. 193-199). Vale destacar ainda que ao final do Canto 6, logo após o herói se queixar de uma falta de auxílio da sua protetora (algo que não era verdadeiro), o narrador interveio para dizer que a deusa o escutava, mas que não podia aparecer frente a frente por causa da cólera de Posêidon (v. 324- 331).

Atena não se preocupa em justificar todas as vezes em que colaborou para o regresso do herói, e o diálogo continua com Odisseu expressando seus sentimentos sobre quando a deusa foi benévola com ele na guerra de Troia (Hom., *Od.*, XIII, v. 315), e como depois se sentiu abandonado no mar, ainda duvidando de que, certamente, estava em Ítaca (Hom., *Od.*, XIII, v. 325). Nesse momento, Atena se justifica, revelando o motivo pelo qual não apareceu em forma física para ele (*Od.* XIII, 341-343): “Mas não quis lutar contra Posêidon, irmão de meu pai, que contraiu o coração, encolerizada porque o querido filho lhe cegaste”. A deusa também dispersa o nevoeiro e mostra a terra pátria para Odisseu. A partir daí, Atena inicia sua instrução, que podemos considerar indispensável para o sucesso do herói. Primeiramente, ela sugere que ele esconda os tesouros (Hom., *Od.*, XIII, v. 364). Depois de ocultá-los, os dois se sentam junto a um tronco de oliveira (Hom., *Od.*, XIII, v. 372) para planejarem a morte dos pretendentes.

Este Canto é crucial para o desempenho de Odisseu em Ítaca, pois é nesse momento que Atena traça o plano para castigar os pretendentes. Apesar de muito inteligente, o herói necessita indispensavelmente que a deusa fique ao seu lado (Hom., *Od.*, XIII, v. 386-387) “Mas agora tece um plano, para que os possa castigar. E tu fica ao meu lado, inspirando-me abundante coragem”. Atena responde, garantindo que não sairá de perto dele (Hom., *Od.*, XIII, v. 393): “Decerto ao teu lado estarei: não te perderei de vista”.

Por intervenção e plano da deusa, ela desfaz o rosto de Odisseu e o deixa irreconhecível. “Engelharei a linda pele sobre os teus membros musculosos e da tua cabeça destruirei os loiros cabelos; vestir-te-ei com farrapos que repugnância causam a quem os vir.

Obnubilarei os teus olhos, outrora tão belos, para que tenhas mau aspecto[...]” (Hom., *Od.*, XIII, v. 398-402).

Orienta-o a ir buscar informações com o porqueiro, homem leal a Odisseu e a sua família. Os versos 405 e 411 não nos dizem exatamente quais coisas Odisseu deveria perguntar ao porqueiro, porém, podemos imaginar que seriam informações sobre a quantidade de pretendentes, o comportamento dos outros servos e a fidelidade de Penélope. A deusa sugere que ele fique com o servo enquanto ela vai chamar Telêmaco (Hom., *Od.*, XIII, v. 413). Odisseu fica angustiado, mas logo Atena responde que não se preocupe, pois ela mesma o guiou para que o jovem ganhasse sua própria fama. Sendo assim, como pondera Malta (2018, p. 77), “Sintetizando, podemos afirmar então que a intervenção de Atena tem dois propósitos principais: estimular, através do furor da reflexão incutidos, que Telêmaco abandone a passividade e se torne um realizador de atos e palavras”.

A deusa não só se preocupava com Odisseu, mas também com sua prole, com o amadurecimento do jovem Telêmaco. Depois de assegurar que Telêmaco estava seguro, apesar dos pretendentes armarem contra sua vida, Atena toca-lhe com a vara:

Assim, falando, Atena tocou-lhe com a sua vara.
Engelhou a linda pele sobre os membros musculosos
e da cabeça destruiu os loiros cabelos; em todo o
corpo
lhe pôs a pele de um ancião já muito idoso;
Obnubilou-lhe os olhos, outrora tão belos. Vestiu-o
com outras roupas,
vis, esfarrapadas. (Hom., *Od.*, XIII, v. 429-434)

O Canto XIII termina com Atena transformando Odisseu em um mendigo para que ninguém o reconhecesse. Logo, partem para executar o plano que fizeram durante todo o encontro relatado nesse canto. Neste reencaixe da narrativa, encontramos um Odisseu que conforme Segal (1994, p. 198, *apud* Malta, p. 272), “está mais certo da ajuda divina, mais prudente e com mais

autocontrole do que o Odisseu que defendeu a própria vida e a de seus homens contra o Ciclope”

Em suma, podemos notar que não há como ler a *Odisseia* sem mencionar a relevância da deusa Atena para o percurso de Odisseu. Apesar dela não ter agido sozinha, tendo em vista que foi necessária a autorização de Zeus e uma Assembleia com os outros deuses, Atena protegeu seu favorito em toda a narrativa, na qual, sem a astúcia dela, Odisseu não poderia se tornar irreconhecível, nem vencer todos os pretendentes. A intervenção de Palas Atena não termina no Canto XIII, ela continua até o fim do último Canto, seja adormecendo Penélope (Hom., *Od.*, XVI, v. 440) ou lembrando a Odisseu que está sempre em vigília a favor dele (Hom., *Od.* XX, v. 47), entre outros exemplos. Desde as coisas mais simples até as mais complexas, a intervenção divina nos mostra uma relação de mistura entre deuses e mortais, entre deuses e heróis.

REFERÊNCIAS

HOMERO. *Iliada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e apêndices de Peter Jones. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2013.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2011.

JAEGGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MALTA, André. *A astúcia de ninguém: serena o ser na Odisseia*. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2018.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *O mundo de Homero*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia antiga*. Tradução Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000.

The intervention of Athena as an indispensable condition for Odysseus's return to Ithaca

ABSTRACT: This study aims to analyze how the interventions of the goddess Athena manifest throughout the *Odyssey*, considering that her presence is essential for Odysseus's return to Ithaca. The role of the divinities in the Homeric epics proves to be an essential element in the construction of the heroic narrative, since the gods frequently influence earthly events, saving heroes from death, guiding them in decisive moments, or inspiring courage so that they may persist in their journeys. These divine interferences appear both in the *Iliad* and in the *Odyssey*, functioning as a constant link between the human and divine worlds. In the *Iliad*, the gods show partiality toward certain heroes, assisting, advising, or even intervening directly in battles. In the *Odyssey*, however, such influence is more directly centered on Athena, who plays a fundamental role as Odysseus's protector and guide. As Jaeger (1994) points out, the hero's piety toward the gods is a striking trait of his personality, and this reverence attracts the goddess's benevolence, as she takes pity on his suffering and strives to help him return to his homeland. The analysis of Athena's actions throughout the epic poem reveals not only the prominence of the deity in guiding the narrative but also the core values of Greek culture, such as *philia*, *areté*, and the importance of divine favor in the fulfillment of the heroic destiny.

KEYWORDS: Athena, Odysseus, divine intervention.